

Mário Pedrosa e a economia planificada

A análise desenvolvida por Pedrosa sobre o imperialismo e a economia do Brasil pós golpe de 1964 (livros *Opção Imperialista* e *Opção Brasileira*) busca apontar uma estratégia de desenvolvimento econômico socialista para o país no contexto da economia mundial. Os temas estão interligados e possuem uma grande atualidade.

As grandes corporações econômicas do capitalismo configuravam, ao lado das economias planificadas da URSS e satélites, possibilidades novas de aliança operária internacional, preparando as condições para uma nova economia mundial. Assim, pensando uma estratégia para o Brasil, Mário via novas possibilidades para o país dentro de uma perspectiva de planejamento econômico socialista que poderia permitir um verdadeiro salto de desenvolvimento da economia brasileira.

A ditadura brasileira de 1964 respondia internamente a uma crise do modelo capitalista brasileiro, ao mesmo tempo que representava um alinhamento direto com o núcleo da política imperialista dos Estados Unidos, contra inclusive os interesses da burguesia gerencial brasileira. O Brasil estaria passando por uma transição grave do sistema de substituição de importações que alcançara sua etapa mais alta, trataria-se agora de passar a uma etapa superior de emancipação econômica e desenvolvimento autônomo (p. 217), na medida em que não havia um capitalismo nacional. A ditadura, ao buscar fortalecer o livre mercado reproduzindo os interesses externos, desenvolvia uma contradição entre o planejamento estatal capitalista (que quer enfraquecer o Estado) e as ambições políticas da própria ditadura. O planejamento estatal opunha-se concretamente às pressões dos EUA.

O plano econômico da ditadura em nada visava substituir as importações ou dinamizar o setor público, mas facilitar a entrada maciça de capitais estrangeiros (200) e a defesa da livre empresa. A ditadura vinha para repor o equilíbrio rompido das forças sociais, mas principalmente para recolocar os interesses imperialistas no centro do esforço para vencer a crise de crescimento das forças produtivas desde 1962 (185). Ao analisar as perspectivas econômicas e dilemas da ditadura, Pedrosa mostrou muita argúcia: *“capitalismo privado livre e desnacionalização econômica, com possível desagregação dos laços econômicos federativos, ou um regime de estatização das áreas estruturais da economia com os setores industriais de empresa privada reativados”* (201).

Mário defende o modelo de economia planificada como alternativa soberana - que permitira um salto de desenvolvimento econômico da URSS – para o Brasil. Mas para ele tratava-se de um debate não apenas econômico, mas fundamentalmente político. Uma questão coletiva, social, uma reflexão de síntese que o socialismo brasileiro deveria pensar (pp. 39-40): *“as condições de um planejamento socialista no Brasil são melhores que da Rússia de 1917”*, *“nosso paradigma não pode ser nenhum país subdesenvolvido ou o mesmo industrial secundário. Nosso paradigma deve ser a Rússia dos primeiros planos quinquenais, embora muito mais modernizados...”* (41). Os impasses da economia brasileira eram impasses da empresa privada, sem alternativas fora da submissão às grandes corporações. O socialismo brasileiro como alternativa deveria combinar uma “interrelação” do setor público e do setor privado (parte deste sendo chamado a dirigir as grandes empresas públicas (301). Mário não avança em detalhes nesse ponto, mas afirma a necessidade da estatização crescente da economia na via da economia socialista planificada (300).

Os sistemas de gerenciamento das grandes corporações dos Estados Unidos e da economia planificada soviética possuíam semelhanças, ao lado de problemas crescentes e comuns das novas tecnologias sobre a força de trabalho. Isso permitiria por um lado um tema comum e concreto de unidade dos trabalhadores de todo o mundo e, principalmente, possibilidades reais de uma economia global planificada (*Opção Imperialista*). Provavelmente a reflexão de Mário buscava localizar o Brasil e seu desenvolvimento em perspectiva nesse novo contexto que poderia se desenvolver. Esse debate penso que mereça uma longa reflexão.